



Coleção
Raízes do Futuro

03

COMUNIDADE QUILOMBOLA BARRO BRANCO

BARRA LONGA - MG

História • Território • Economia e Sociedade



CRÉDITOS

Autoras (Comunidade)

Elza Aparecida Costa, Maria da Conceição Carvalho (Tia Preta), Maria do Carmo Mateus, Maria Elismar (Lili), Raquel de Lourdes Calvenca.

Equipe do Projeto Raízes do Futuro

Alice Capanema, Frederico Augusto Alves Gonçalves, Jorge Andrade, Leda Maria Benevello de Castro, Marina Fares Ferreira, Regina Campos, Ricardo Ferreira Ribeiro, Rosana Cristina Avelar.

Equipe de edição

Fotos e Mapas - Acervos Cedefes e Comunidade
Projeto Gráfico e diagramação - Derval Braga e Juliana Vaz

Diretoria do Cedefes

Alenice Maria Motta Baeta - *Presidenta*
Luci Rodrigues Espechit - *Tesoureira*
Maria Elisabete Gontijo dos Santos - *Secretária*

Impressão

Imagem Editora Gráfica
2025 - 300 exemplares

Belo Horizonte (MG), dezembro 2025

Apoio



PROJETO RAÍZES DO FUTURO

O Projeto Raízes do Futuro trabalha e valoriza a presença viva das tradições nas comunidades quilombolas de três regiões vizinhas de Minas Gerais — Alto Paraopeba, Vale do Piranga e Campo das Vertentes/Zona da Mata —, buscando, a partir desse patrimônio cultural, construir caminhos para um futuro melhor.

Cada comunidade participante indicou três representantes para integrar um ciclo de dez encontros, realizados aos finais de semana, com intervalos aproximados de 45 dias entre cada um. As reuniões aconteciam sempre nas próprias comunidades. Em cada encontro, eram apresentadas duas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), que os representantes aplicavam em suas comunidades, trazendo os resultados para compartilhar no encontro seguinte.

Essas metodologias permitiram que cada grupo refletisse sobre sua história, território, recursos naturais, modos de subsistência, produção, consumo, relações internas e externas, além da organização das atividades econômicas e socioculturais ao longo do ano.

Os encontros foram concebidos como espaços de aprendizado coletivo e troca de experiências. Além das atividades formativas, aos sábados eram promovidas as Noites Culturais, organizadas pelas próprias comunidades, fortalecendo a identidade e o convívio comunitário.

No entanto, os objetivos do projeto iam além do diagnóstico. Buscava estimular ações concretas capazes de contribuir para a transformação da realidade local. Como resultado desse trabalho, várias comunidades iniciaram o processo de certificação quilombola junto à Fundação Cultural Palmares, enquanto algumas focaram na organização institucional interna e outras na articulação junto ao poder público, reivindicando melhorias na infraestrutura local.

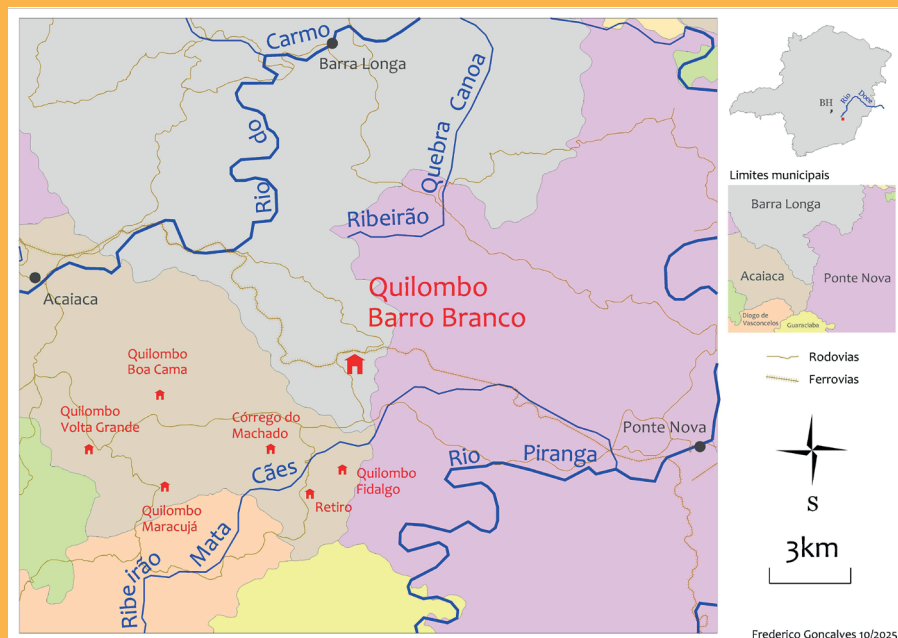
Este livreto integra a Coleção Raízes do Futuro e foi escrito pelos representantes quilombolas participantes do projeto, a partir das pesquisas que realizaram com base nas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo.

COMUNIDADE QUILOMBOLA BARRO BRANCO

BARRA LONGA - MG

Localização da Comunidade

A Comunidade Quilombola do Barro Branco está localizada a aproximadamente 25 km da sede do município de Barra Longa, na macrorregião da Zona da Mata, no estado de Minas Gerais. Atualmente, vivem no local cerca de 200 famílias, que preservam laços históricos e culturais com o território. Em 27 de junho de 2024, a comunidade foi certificada como quilombola pela Fundação Cultural Palmares.



História

Anteriormente a comunidade de Barro Branco era conhecida como “Itá”, que significa “pedra” em Tupi-Guarani. O nome original caiu no esquecimento com o passar dos anos, sendo poucos os que ainda se recordam dele ou conhecem o motivo de sua escolha. Na década de 1940, o nome foi alterado para Barro Branco e, posteriormente, para Cônego Luiz Viana. No entanto, esse último nome não foi bem aceito pela população, que retomou o uso do nome “Barro Branco”. Segundo relatos, essa denominação está ligada à presença de solos brancos em certos locais do povoado.

Em 1926, ainda sob o nome de “Itá”, foi inaugurada a Estação Ferroviária, chamada Cônego Luiz Vieira. A Estação pertencia à linha férrea de Leopoldina, que saía de Ponte Nova e ia para Congonhas. Atualmente, a estação encontra-se descharacterizada e abandonada. Os trilhos da linha férrea foram removidos, restando apenas vestígios do caminho por onde outrora passavam os trens.

Durante a década de 1980, ainda havia movimentação de passageiros por meio dos trens mistos. Porém, com o tempo, essa prática foi descontinuada. Relatos apontam que, por volta de 1949, o povoado possuía grande movimentação em razão da ferrovia, que era utilizada tanto para transporte de cargas quanto de passageiros. Carros de bois oriundos de regiões vizinhas traziam carvão, que era depositado em um armazém local e, posteriormente, transportado de trem para cidades como Saramenha e Itabirito. O mesmo se aplicava às pessoas que viajavam: deslocavam-se até Barro Branco para embarcar, já que não havia outras alternativas de transporte. Era comum, também, os moradores da zona rural levarem seus produtos agrícolas para vender na cidade, retornando com mercadorias que não eram produzidas em suas propriedades.

Naquela época, Barro Branco contava com uma estrutura comercial importante para os padrões da região, incluindo lojas de tecidos, armazéns, farmácia, padaria, entre outros. Era habitual que moradores de localidades vizinhas fossem ao povoado para fazer compras.



■ Comércio de Barro Branco em funcionamento na década de 1980



■ Comércio desativado em 2025.

Muitas pessoas trabalhavam na manutenção da ferrovia e recebiam salários considerados bons. Os demais atuavam como trabalhadores informais, prestando serviços nas fazendas, muitas vezes em troca de comida. Era comum os trabalhadores – conhecidos como “meeiros” – cultivarem na terra dos fazendeiros, dividindo a produção. Havia ainda pequenos proprietários que plantavam fumo, cana-de-açúcar, milho, arroz, feijão, amendoim e outros alimentos, todos realizados artesanalmente. A cana, por exemplo, era moída em engenhocas e transformada em rapadura em grandes tachos. O arroz e o café eram socados em pilões de madeira.



■ Fazenda dos Quintas - primeira metade do século XX.

A questão social das famílias era muito evidente, uma boa parte delas vivia em meio à pobreza, faltando até mesmo o

básico, como alimentação, medicamentos e vestuário. Muitos prestavam serviços domésticos, como babás, lavadeiras, faxineiras, capinadores e colhedores de lavouras. As moradias, em sua maioria, eram construídas com barro, pau-a-pique e coberturas de sapé. Já as famílias com melhores condições financeiras possuíam casas bem estruturadas e conseguiam enviar seus filhos para estudar nas cidades próximas.

Nesse período, a fé católica predominava, apesar de que, com o tempo, tenha ocorrido um crescimento significativo de igrejas evangélicas. Ainda hoje, algumas tradições católicas são mantidas, como as novenas, a festa do padroeiro São José, o mês de Maria, Coroações, festa do Divino, leilões, procissões e celebrações da Semana Santa. Essas festividades frequentemente contavam com a presença de bandas de música, congadas, como a Congada de Nossa Senhora do Rosário da cidade de Acaiaca, e folias, como a Folia de São Sebastião da comunidade de Palmeira de Fora.

Persistem também práticas tradicionais de cura popular, como o uso de benzimentos para mau-olhado, espinhela caída, cobreiro e dor de cabeça, além de banhos com ervas. As famílias costumam manter hortas com plantas medicinais, utilizadas da mesma forma que antigamente.

Além da cura por meio de plantas, o trabalho de parteiras também era comum. Segundo relatos dos moradores, nos anos de 1970, as mulheres tinham muita dificuldade de ir ao hospital para ter seus filhos. Havia uma senhora chamada Geralda Patrício, que era parteira da comunidade e às vezes fazia de três a quatro partos por semana; por esse motivo, ficou conhecida como “vó Geralda”. Era uma mulher simples que trabalhava na roça na plantação de fumo, milho, entre outras atividades para sustentar seus filhos, pois ficou viúva muito cedo. Pelos relatos, ela cantava o tempo todo para alegrar as companheiras, mesmo em tempos de escassez.



■ Parteira Vó Geralda Patrício.

Nessa época, também havia uma costureira chamada Maria Guiciard, muito famosa na comunidade. As pessoas vinham de longe para encomendar suas costuras, que iam desde vestidos de noiva até enxovais para recém-nascidos. No tempo desta pesquisa, em 2025, ela tinha 90 anos e ainda costurava.

O artesanato era muito presente na vida cotidiana, com a confecção de balaios, cestas, peneiras, esteiras de taboa ou taquara e tulhas para armazenagem de alimentos. As mulheres se dedicavam ao bordado, tricô, crochê, confecção de colchas e tapetes de retalho. Hoje, essas práticas são raras e algumas pessoas sequer as conhecem.

As festividades eram ocasiões marcantes: casamentos, batizados, aniversários e festas populares reuniam a comunidade ao som de sanfoneiros, batuques, jogos de baralho, quadrilhas

e carnavais. A dança do batuque era realizada na casa do Senhor Ezequiel, hoje falecido. Sua residência era localizada na atual rua principal de Barro Branco.

Os participantes que articulavam as danças eram: Senhor Ezequiel, Dona Antonia (Tulina), Senhor José Moreira, Dona Geralda Patrício e sua filha, Anita, ambas parteiras. O sanfoneiro era José Martins, que estava sempre pronto para tocar. Atualmente, o batuque não é mais dançado, mas as demais celebrações ainda acontecem.

Na culinária típica da época, predominavam pratos como feijão, angu, canjiquinha, cuscuz, farinhas variadas, angu doce, banana cozida, inhame com rapadura, broas, ovos, carnes e, especialmente aos domingos, arroz.

A maioria dos moradores de Barro Branco tem origem afro-brasileira, o que se revela por meio de características físicas e traços culturais, como a alimentação, os modos de vestir e enfeitar-se, as crenças e as superstições. Esses elementos indicam a existência de antigos refúgios de pessoas escravizadas na região, cujas marcas ainda estão presentes no cotidiano da comunidade. Esses refúgios se formaram a partir da migração de negros para um local próximo a Barro Branco, chamado Quilombo, onde existiam vestígios da escravidão, como uma senzala. A região era pouco povoada e isolada, e, com o passar do tempo, as famílias foram se estabelecendo e a comunidade cresceu. Esse processo deve ter ocorrido por volta da década de 1920.

A comunidade tem buscado resgatar sua identidade e valorizar sua história. Há um movimento de reconhecer a ancestralidade quilombola, com encontros em grupos promovendo reuniões, reflexões, estudos das origens ancestrais e sobre a história do Brasil – sobretudo aquela não ensinada nas escolas. Esses encontros representam uma oportunidade de aprendizado, de expor ideias, tirar dúvidas e buscar conhecimentos daquilo que foi negado no passado.

■ Território

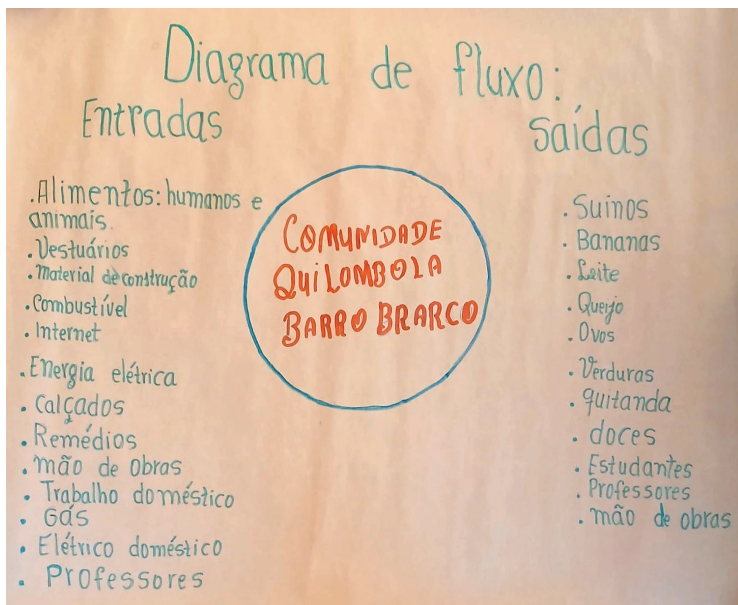
A comunidade de Barro Branco é formada por ruas principais calçadas de bloquetes e outras de chão batido. No local, há uma escola, uma igreja católica e três igrejas evangélicas. Conta também com um campo de futebol, uma estação ferroviária desativada, um salão comunitário, um posto de saúde, o salão da associação e dois bares.



■ Campo de futebol - 1970.

Os elementos naturais fizeram parte do cotidiano da comunidade. A terra fornecia esterco para adubação, argila branca para a olaria, além das florestas que contribuíam com madeira, jardins e hortas para o sustento. A água, por sua vez, era essencial para os corpos humanos, vinda das nascentes e usada na sobrevivência da fauna e da flora.

A comunidade tem consciência da importância de preservar esses recursos naturais e adota práticas como a coleta adequada de lixo, o combate a queimadas e desmatamentos, o cercamento e reflorestamento das nascentes, além de ações para evitar o desperdício de água.



- Diagrama de Fluxo - atividade realizada no Projeto Raízes do Futuro.

Economia e sociedade

Na comunidade do Barro Branco, diversas atividades produtivas garantiam a sobrevivência e o sustento das famílias ao longo do tempo. Muitos agricultores trabalhavam para os fazendeiros em troca de comida.

A olaria era um espaço importante na comunidade, onde se fabricavam tijolos e telhas com barro amassado por cavalos ou pelos próprios pés, e havia também carpinteiros e pedreiros que atuavam na construção de casas, currais e até mesmo caixões (urnas) para os mortos. Muitos moradores eram carvoeiros, trabalhando em fornos de barro para a produção de carvão vegetal, enquanto os tropeiros transportavam alimentos e outros produtos montados em cavalos por trilhas estreitas. Os carreiros guiavam carros de boi no transporte de alimentos das roças até as casas ou para levar carvão aos pontos de embarque.

A produção de rapadura, melado e garapa era feita em engenhos de cana artesanais. As mulheres tinham forte presença, atuando como costureiras, confeccionando roupas, vestidos de noiva e enxoval de bebê dentro de suas residências, e também trabalhando como bordadeiras. Os ferroviários eram empregados na linha férrea, e havia comerciantes que mantinham vendinhas, farmácias, pequenas padarias e lojas de tecidos. Vendedores ambulantes aproveitavam as paradas do trem para oferecer café, água e broa aos passageiros.

Os locais de cultivo incluíam pomares junto às casas, as fazendas da região, arrozais em áreas de brejo e plantações de inhame. A água utilizada para consumo humano, agricultura e criação vinha das nascentes e poços artesanais existentes na comunidade.

A economia se baseia nas entradas, que são os produtos e serviços que a comunidade não produz e precisa comprar, como alimentos para pessoas e animais, vestuários, calçados, material de construção, combustível, internet, energia elétrica, remédios, gás de cozinha, eletrodomésticos, além da contratação de mão de obra, professores e trabalho doméstico. Já as saídas são os produtos e serviços que a comunidade fornece para fora, como suínos, bananas, leite, queijo, ovos, verduras, quitandas e doces. Além disso, estudantes precisam ir para a cidade de Acaiaca para realizar o ensino médio e muitos moradores precisam sair de Barro Branco para irem trabalhar em Barra Longa ou Ponte Nova. Esse movimento mostra a relação da comunidade com o que precisa buscar fora e com o que consegue produzir e oferecer.

Hoje, Barro Branco é um povoado tranquilo e acolhedor, com ruas em grande parte calçadas e iluminadas, mas ainda sem sistema de água tratada ou rede de esgoto. A coleta de lixo é semanal. As casas são, em sua maioria, de alvenaria, mas as da antiga vila ferroviária estão abandonadas.

O povoado conta com duas igrejas católicas, diversas igrejas evangélicas, escola do maternal ao 5º ano. A maior parte das pessoas trabalha em cidades próximas, na granja local ou em atividades informais, com parte significativa dependendo de auxílio governamental. O sistema de saúde é precário e inadequado.

As atividades anuais da comunidade têm início em janeiro, durante as férias escolares das crianças e jovens, e seguem em fevereiro com o bloco de carnaval, a preparação da terra para o plantio e a colheita de silagem. Em março, a festa do Padroeiro reúne moradores e comunidades vizinhas, enquanto abril é marcado pela semana santa. No mês de maio ocorre a celebração em homenagem às mães e a colheita de laranja, e junho traz a tradicional festa junina da comunidade. Julho é tempo de quadrilha com as crianças da escola e também de férias, seguido de agosto, quando acontecem a homenagem aos pais e a festa da terra da Escola Família Agrícola (EFA). Com a chegada das chuvas em setembro, inicia-se o plantio de milho, abóbora e quiabo, enquanto outubro é reservado à celebração em honra a Nossa Senhora Aparecida e à festa das crianças. Novembro traz o Dia da Consciência Negra e, para encerrar o ano, dezembro é marcado pela novena de Natal, pela confraternização e pelo amigo secreto realizado na associação.

É importante destacar que a comunidade possui a Associação dos Moradores e Amigos do Barro Branco, Córrego da Laje e Adjacências, conhecida como AMBACLA, criada em 2 de abril de 2022. Seu principal objetivo é melhorar a vida da comunidade, representando e defendendo os interesses dos moradores do Barro Branco e regiões próximas, além de acompanhar projetos referentes às ações quilombolas. A associação também atua para garantir direitos, apoiar atividades educativas, esportivas e culturais, promover cursos profissionalizantes e outras iniciativas que ajudem a gerar trabalho e renda para os moradores e moradoras.■



■ Encontro Regional Sociocultural de Comunidades Tradicionais e Quilombolas - 2017.



■ Festejando a obtenção do Certificado Quilombola.

CEDEFES 40 anos de História

O Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva - CEDEFES é uma entidade privada, sem fins lucrativos, de âmbito estadual, fundada em 1985 por um grupo de professores, sindicalistas e religiosos. O nome é uma homenagem a Eloy Ferreira da Silva, trabalhador do campo e sindicalista no município de São Francisco, Minas Gerais, assassinado por grileiros em 16 de dezembro de 1984.

O objetivo do CEDEFES é promover a informação e educação popular, documentar, arquivar, assessorar, elaborar projetos, pesquisar e publicar obras de interesse dos povos tradicionais e dos movimentos sociais, fortalecendo as suas lutas, organização, articulação e conquista de direitos.

Suas atividades são mantidas, essencialmente, pelo trabalho voluntário dos sócios e colaboradores e uma parceria consolidada ao longo de vinte e dois anos com a entidade de cooperação internacional alemã Misereor e com o KMB, da Áustria.

A entidade tem o apoio também das Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora, que abrigam a organização há 17 anos, e dos irmãos Maristas e Franciscanos, que ajudam em situações específicas. Além disso, desenvolve projetos relevantes em parceria com Ministério Público de Minas Gerais.

No ano 2000, durante o Seminário “500 Anos de Resistência Negra no Brasil: os Remanescentes de Quilombo e Outras Experiências”, representantes de movimentos negros de Minas Gerais pediram para o CEDEFES atuar junto às comunidades quilombolas do Estado.

Desde então, entre 2003 e 2022, o CEDEFES conduziu sete projetos de apoio às comunidades quilombolas, em várias regiões de Minas Gerais. Seguindo essa caminhada, em 2023, teve início o projeto “Raízes do Futuro”, o oitavo projeto quilombola fruto da parceria CEDEFES / MISEREOR / KMB. Esta coleção de livretos é um dos resultados deste projeto.

